

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AS CONSEQUÊNCIAS SOCIAIS E PSICOLÓGICAS DO PROCESSO MIGRATÓRIO

### *Some considerations on the social and psychological consequences of the migration process*

Leonardo Della Pasqua\*

Fábio Dal Molin\*\*

Este artigo discute as consequências sociais e psicológicas do fenômeno migratório em imigrantes brasileiros não documentados em Roma. A experiência relatada provém de fragmentos de encontros de um grupo de auto-ajuda realizado na “Nossa Senhora Aparecida: Comunità Brasileira a Roma”. O fenômeno migratório foi identificado como estressor e causador de sofrimento psíquico. Evidenciou-se a necessidade de eficazes mecanismos nos âmbitos político, social e na área da saúde mental para auxiliar o imigrante em seu processo de integração no país que o deveria acolher.

**Palavras-chave:** Identidade; Aculturação; Psicologia intercultural; Síndrome do imigrante com estresse crônico e múltiplo/Síndrome de Ulisses

*This article regards to the social and psychological consequences of the migratory phenomenon to undocumented Brazilian immigrants in Rome. The reported experience makes reference to fragments of the outcome of the self-help group meetings held in “Nossa Senhora Aparecida: Comunità Brasileira a Roma.” The migratory phenomenon has been identified as a stressor and a cause of psychological distress. It has been proofed that effective mechanisms in political, social and mental health areas should be taken in order to help the migrant in the integration process at the arriving country.*

<sup>14</sup> Psicólogo, psicanalista com formação no Spazio Psicoanalitico di Roma, voluntário na “Comunità Brasileira a Roma: Nossa Senhora Aparecida” e sócio-fundador da associação cultural “Nossa Senhora Aparecida: Comunità Brasileira a Roma”. Porto Alegre/Brasil.

\*\* Psicólogo, mestre em Psicologia Social e Institucional e doutor em Sociologia, pesquisador bolsista do CNPq, modalidade pós-doutorado jr. vinculado à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, professor da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, campus de Erechim. Porto Alegre/Brasil

**Keywords:** *Identity; Acculturation; Intercultural psychology; Immigrant syndrome with chronic and multiple stress/The Ulysses Syndrome*

### Introdução

Brasil e Itália são duas nações com fortes e intensos laços migratórios, e podemos, atualmente, classificá-los em três grandes fluxos, dois deles no sentido Europa-América e o último inverso (objeto da pesquisa).

O primeiro fluxo ocorreu em função da grande demanda de mão de obra surgida com a decadência do sistema escravocrata colonial e a ascensão do café em São Paulo e a grande crise econômica da Itália no processo de unificação na segunda metade do século XIX. O Brasil representava trabalho, terras férteis e novas oportunidades de vida aos milhares de italianos oriundos de um país atrasado e conflituoso. Demograficamente, o primeiro fluxo migratório foi bastante significativo, como coloca Marcílio:<sup>1</sup> “com a abolição da escravatura, em 1888, aumentou sensivelmente a entrada de imigrantes europeus. Entre 1882 e 1930, 2.223.000 pessoas foram para o Estado de São Paulo; dessas, 46% eram italianas e 18% portuguesas”.

Este primeiro fluxo teve escoamentos para outras regiões do Brasil, como o Paraná e o Rio Grande do Sul, exercendo grande influência sobre a cultura e a economia. Na primeira metade do século XX, quando a Europa foi castigada por duas grandes guerras mundiais (com a participação da Itália, direta ou indiretamente), uma nova leva de emigrantes escapou dos massacres e da carestia inerentes ao conflito bélico e veio a contribuir com o inicialmente promissor processo de industrialização brasileiro. Contudo, a segunda metade do século XX representou para a Europa ocidental a sua plena reconstrução impulsionada por investimentos norte-americanos, exploração de colônias e também pelo medo das iminentes revoluções comunistas. O período compreendido entre o fim da Segunda Guerra mundial e os anos 80 é considerado por muitos cientistas sociais como os “trinta gloriosos”. A promessa de segurança, pleno emprego, bem como Estado presente como mediador benéfico e protagonista de políticas públicas, além de um período de evolução cultural, tecnológica e educacional sem precedentes na história da humanidade<sup>2</sup> tornaram a Europa Ocidental uma espécie de terra dos sonhos, pelo menos durante um período.

Na América Latina e no Brasil, ditaduras e democracias duvidosas se alternavam entre crises econômicas e políticas, culminando com um

<sup>1</sup> MARCÍLIO, Maria Luiza. *História da educação em São Paulo e no Brasil*, p. 95.

<sup>2</sup> Cf. HOBSBAWN, Eric. *A era dos extremos*.

longo período de ditadura em países como Chile, Brasil e Argentina, sendo que os dois últimos, terras de forte imigração italiana, saíram de seus regimes totalitários afundados em grandes crises econômicas, dívida externa, desemprego e inflação galopante, além de defasagens no sistema educacional e tecnológico. Este foi o grande impulsionador para o terceiro fluxo de migração, no sentido América do Sul - Europa.

O velho continente, ainda que não esteja mais em seu período dourado, acena aos viajantes com salários em uma moeda três vezes mais forte, emprego, cultura, educação, tecnologia e a possibilidade de viver em cidades sem o medo constante da crescente onda de violência que habita o chamado terceiro mundo. Este aceno é entendido por uma população que, ainda que não seja tão representativa,<sup>3</sup> possui um número considerável e também situações peculiares em termos de relação emigrante-cultura, que abordaremos a seguir. O número de brasileiros que emigra para a Itália se intensificou nos anos 80-90, e segundo Bógus e Bassanezi,<sup>4</sup> a maior parte desta população é constituída de jovens adultos em idade produtiva e reprodutiva, sendo que os motivos alegados ao solicitarem o *permesso de soggiorno* são: família, turismo, trabalho religioso, adoção, estudos e inscrição em lista de emprego. Tais dados, ainda que significativos, necessitam de complemento, afinal, os motivos alegados podem ser diferentes daqueles que realmente motivam os emigrantes, além, é claro, daqueles que não entram na regularidade e, além de todos os problemas decorrentes da migração ainda enfrentam a marginalização e a incerteza. Nosso objetivo, através do aprofundamento do dado obtido a partir da prática clínica, é adentrar a complexidade do difícil processo de mudar de país, de cultura, de trabalho.

Emigrar pode ser um processo que possui níveis de estresse<sup>5</sup> tão intensos que muitas vezes superam as capacidades de adaptação dos

<sup>3</sup> BÓGUS, Lucia Maria Machado; BASSANEZI, Maria Silvia. "Do Brasil para a Europa - Imigrantes brasileiros na península itálica neste final de século", p. 79.

<sup>4</sup> *Ibidem*.

<sup>5</sup> "O estresse é conceitualmente entendido como um processo complexo e multidimensional, em que atuam estressores agudos ou crônicos dos seguintes tipos: ambientais (no trabalho, em casa ou na vizinhança, por exemplo), eventos maiores (como mudança de domicílio, morte ou doença em familiar, separação conjugal e desemprego), trauma (por exemplo, participar de um combate, ser vítima ou presenciar crime violento ou acidente de trânsito e estar envolvido em desastres naturais ou industriais) e abuso ou negligência na infância e na velhice. Tais estressores são percebidos pelo indivíduo como ameaça, necessidade de ajuda ou alerta, o que dá início a uma resposta, visando a adaptar-se à situação. A adaptação, neste contexto, é entendida como processo dinâmico mediante o qual os pensamentos, os sentimentos, a conduta e os mecanismos biofisiológicos do indivíduo mudam continuamente para se ajustar a um ambiente em contínua transformação." (SPARREBERGER, Felipe; SANTOS, Iná dos; LIMA, Rosângela da Costa. "Epidemiologia do distress psicológico: estudo transversal de base populacional", p. 435).

seres humanos. Este trabalho pretende discutir as consequências sociais e psicológicas derivadas do processo migratório.

Partindo de três enfoques, o da psicologia intercultural segundo Berry, as pesquisas realizadas na área da saúde mental, principalmente do grupo de Barcelona e a contribuição psicanalítica do casal Grimberg e outros autores, enfocaremos algumas mudanças psicológicas derivadas pelo evento migratório de brasileiros em Roma, através do trabalho de colaboração com a comunidade brasileira junto à igreja Nossa Senhora da Luz, em Transtevere, dirigida pelos missionários Scalabrinianos em Roma.

### **Aculturação e Síndrome de Ulisses**

A experiência clínica e grupal proporcionou momentos significativos de observação participativa sobre as dificuldades da imigração e dos problemas em relação à integração e aceitação da nova cultura onde os brasileiros estavam inseridos. Na obtenção e análise dos dados, foi possível uma escuta *in loco* do intenso processo de aculturação. Segundo Sam,<sup>6</sup> a aculturação refere-se às mudanças culturais e psicológicas que resultam do contínuo contato entre pessoas de diferentes contextos socioculturais, em termos de tempo e espaço. A aculturação ocorre nos dois níveis: individuais e grupais. No processo de aculturação, Berry<sup>7</sup> distingue quatro estratégias definidas a seguir:

1. **Integração:** o indivíduo mantém aspectos da cultura de origem e também adquire traços da cultura atual. Esta estratégia só é possível em sociedades explicitamente multiculturais, as quais são baseadas sobre valores de aceitação da diversidade cultural e baixo nível de preconceitos, isto é, um nível mínimo de racismo, etnocentrismo e discriminação.
2. **Assimilação:** o indivíduo não deseja manter a cultura de origem e adquire totalmente os traços da cultura de inserção. A valorização recai no relacionamento com a nova realidade.
3. **Separação:** o indivíduo valoriza apenas os aspectos de sua cultura originária, negando a inserção no país de recepção, desvalorizando as relações com os autóctones.
4. **Marginalização:** as duas respostas são negativas. O indivíduo não mantém traços da cultura originária, e também não se identifica

<sup>6</sup> Sam, *apud* ZAIA, Márcia Cristina. "Migrantes muçulmanas em São Paulo: um estudo a partir da Psicologia Intercultural", p. 41-71.

<sup>7</sup> *Apud Ibidem*, p. 46.

com os valores da cultura de inserção. Mantém-se à margem. Pode caracterizar-se por um alto nível de ansiedade, uma sensação de alienação, uma perda de contato com os dois grupos.

Berry<sup>8</sup> justifica que a educação é um recurso pessoal em si mesmo, a análise e a resolução de problemas treinadas na educação formal contribuem para uma melhor adaptação. Assim, o nível elevado de educação é fator de proteção para uma adaptação positiva, pois diminui o estresse. O *status* ocupacional e a rede de apoio favorecem uma boa adaptação. Por outro lado, grandes distâncias culturais implicam na necessidade de grandes desprendimentos re-aprendizagem culturais, podendo trazer conflitos ininterruptos e levar a dificuldades adaptativas.

A adaptação é um processo de mudança comportamental de um organismo (sujeito) em relação a um sistema (no caso, a sociedade) e implica em desaprender algum repertório comportamental que não é mais apropriado, aprendendo um novo repertório que seja compatível com o novo contexto social e cultural.<sup>9</sup>

Kozakai & Wolter<sup>10</sup> mencionam que os imigrantes desenvolvem estratégias integrativas por resguardarem sua identidade de origem. Constroem seu *locus* social no interior da comunidade, ao mesmo tempo em que se mantêm fora dela pela reificação de sua identidade cultural ou étnica. Esse método de integração evita a assimilação brutal ao imigrante.

Porém, muitos migrantes enfrentam sérias dificuldades, tanto em termos “reais” (econômicos, grupais, interculturais) quanto “internos” (psíquicos) de adaptação. O psiquiatra espanhol Joseba Achotegui, partindo do mito de Ulisses e da verdadeira odisséia que foi a sua volta a Ítaca após o término da guerra de Tróia, defende a idéia de que muitos dos imigrantes com problemas adaptativos são pessoas candidatas a padecer da Síndrome do Imigrante com Estresse Crônico ou Múltiplo, também chamada de Síndrome de Ulisses.<sup>11</sup> No processo migratório, muitas dessas pessoas começam a apresentar um conjunto de sintomas bem característicos, enquanto outras apresentam níveis de estresse menos intensos de adaptação à nova realidade social sem a presença de um conjunto de sintomas como a Síndrome de Ulisses. O conjunto de

<sup>8</sup> Cf. BERRY, John; POORTINGA, Ype. *Cultural Psychology: Research and Applications*.

<sup>9</sup> *Ibidem*.

<sup>10</sup> Cf. KOZAKAI, Toshiaki; WOLTER, Rafael Peclý. “Armadilhas do multiculturalismo: análise psicossocial da integração à francesa dos estrangeiros”.

<sup>11</sup> Cf. ACHOTEGUI, Joseba. “Estrés Límite y Salud Mental: El Síndrome del Inmigrante con Estrés Crónico y Múltiple (Síndrome de Ulises)”.

sintomas que constituem essa síndrome descrita é um problema emergente no campo da saúde mental nos países que acolhem os imigrantes.

Conforme Achotegui,<sup>12</sup> existe uma relação entre os graus de estresse que vivem os imigrantes e a aparição de seus sintomas psicopatológicos. A pessoa sofre por estressores ou lutos específicos da condição migratória, podendo aparecer um conjunto de sintomas psíquicos e somáticos que se delimitam no âmbito da saúde mental.

As angústias que podem surgir pouco depois do período inicial são do tipo persecutório, confusional e depressivo, mas com grandes variações na intensidade, durabilidade e evolução. “O sentido de desaparecimento do *self* pode ter drásticas consequências à saúde mental”.<sup>13</sup>

Existem sete tipos de luto no processo migratório:<sup>14</sup>

1. o da família e dos entes queridos,
2. o da língua,
3. o da cultura,
4. o da terra,
5. o do *status* social,
6. o do contato com o grupo de pertencimento,
7. o dos riscos para a integridade física.

Para Achotegui<sup>15</sup> são três os tipos de elaboração do luto presentes no processo migratório:

1. o luto simples – pode ser elaborado e se dá em boas condições,
2. o luto complicado - existem sérias dificuldades de elaboração da experiência migratória,

3. o luto extremo - não pode ser elaborado. Supera as capacidades de adaptação do sujeito e é nesse estágio que se instaura a Síndrome do imigrante com estresse crônico ou múltiplo/Síndrome de Ulisses.

Cojocarú afirma que em qualquer migração se perde o laço com a própria identidade e com o próprio ego. “A trajetória para outro significado de pertencimento é, principalmente, um encontro com o novo espaço, onde é necessário o intercâmbio com outros homens, outra língua, outra cultura e outro sentido de pátria”.<sup>16</sup>

Em seu processo de crescimento e independência, o indivíduo tem que enfrentar os lutos carregados de sentimentos de abandono. Essas

<sup>12</sup> *Ibidem*.

<sup>13</sup> GRIMBERG, León; GRIMBERG, Rebeca. *Psicoanálisis de la migración y del exilio*, p. 107.

<sup>14</sup> ACHOTEGUI, Joseba. “Los duelos de la migración: una perspectiva psicopatológica y psicosocial”, p. 88-100.

<sup>15</sup> *Idem*. “Estrés Límite...”, *op. cit.*

<sup>16</sup> COJOCARU, Lacette Lehnen. “Migrações forçadas: o exílio político no Brasil”, p. 17.

perdas são necessárias para o processo de individuação. Na migração o sentido de expulsão e o sentimento de perda do ideal de pátria são semelhantes à desintegração da própria identidade e, portanto, causadores de sofrimento mental.<sup>17</sup> Retomar o sentimento de identidade é uma experiência de separação e luto que força o migrante a passar por mudanças que vão além da configuração simbólica do espelho de sua cultura.

Grimberg & Grimberg<sup>18</sup> nos mostram que só uma boa relação com os objetos internos, a aceitação das perdas e a elaboração dos lutos permitirá ao migrante integrar de maneira discriminada os dois países, os dois tempos e os dois grupos, o de antes e o atual. Somente desse modo é possível reorganizar e consolidar o sentimento de identidade, como a manutenção da integração subjetiva apesar das mudanças e remodelações.

Para Kozakai & Wolter<sup>19</sup>, esquecer das diversidades e das reais mudanças que envolvem o processo migratório favorece algumas formas de defesa identitária necessárias para o processo de identificação com a nova cultura. Isso é possível com o auxílio das microcomunidades, que fornecem aos recém-chegados uma segurança ontológica subjetiva, benéfica à estabilidade do sistema identitário e não os desampara frente a um ambiente totalmente desconhecido.

A identidade é uma ficção social. Para integrar estrangeiros, a sociedade deve dispor de um mecanismo de defesa coletivo eficaz. A identidade é constantemente quebrada pela introdução de elementos exógenos. O sucesso da integração dos estrangeiros depende da eficácia deste dispositivo coletivo que permite o desconhecimento das rupturas identitárias reais e permanentes.<sup>20</sup>

O choque entre os valores culturais provoca uma “des-situação”, onde o presente é de incerteza, criando uma sensação de desancoragem, uma vivência de não-ser. “Não é mais possível “ser” (no modo de uma identidade). O sujeito encontra-se inexoravelmente destituído da ilusão de certeza sobre si mesmo. O terreno identitário cede, desaloja-se, revelando-se em confusão e tensão”.<sup>21</sup>

Para Achotegui,<sup>22</sup> os estressores que delimitam e definem a Síndrome do Imigrante com Estresse Crônico e Múltiplo são:

<sup>17</sup> *Ibidem*.

<sup>18</sup> GRIMBERG, León; GRIMBERG, Rebeca, *op. cit.*, p. 19.

<sup>19</sup> KOZAKAI, Toshiaki; WOLTER, Rafael Pecly, *op. cit.*

<sup>20</sup> *Ibidem*.

<sup>21</sup> TODA, Cristina Helena. “A impertinência: uma experiência de descendentes de imigrantes japoneses no Brasil e a possibilidade de constituição de um território de existência por meio da criação artística”, p. 371.

<sup>22</sup> Cf. ACHOTEGUI, Joseba. “Estrés Límite...”, *op. cit.*

- A solidão – separação forçada da família e dos seres queridos: Do ponto de vista social, Achotegui<sup>23</sup> mostra que o luto é sentido intensamente quando se deixam no país de origem filhos pequenos, pais com idade avançada ou acometidos de alguma doença. O imigrante também não quer voltar carregando o fracasso de seu processo migratório. Essa situação é comum também àqueles que possuem documentos, pois existem imigrantes documentados que não podem trazer seus familiares porque não possuem os requisitos econômicos básicos para o reagrupamento familiar. Psicologicamente, a solidão forçada provoca um grande sofrimento, principalmente à noite, quando afloram as recordações, as necessidades afetivas, os medos, provocando um vazio afetivo. Um luto que tem relação direta com os vínculos e o apego, com a dor que as separações produzem. Cojocarú<sup>24</sup> reflete sobre a necessidade de se recriar o perdido, a família, os amigos, pois além do processo de luto que envolve tal atividade mental existe um exercício de esperança, pois a pessoa precisa fazer algo para si, necessita aculturar-se no mundo simbólico da nova linguagem e da nova cultura.
- O luto pelo fracasso do projeto migratório: Para Achotegui,<sup>25</sup> sentimento de desesperança e fracasso quando o imigrante não tem as mínimas possibilidades de seguir adiante, de ter acesso aos documentos, ao mercado de trabalho, muitas vezes encontrando-se em situação de exploração. O fracasso em solidão é sentido de modo muito mais intenso.
- A luta pela sobrevivência: A alimentação – os imigrantes em geral se alimentam mal. As diferenças culturais são evidentes na oferta de alimentos e também no seu custo. Isso pode ser um sinal claro de desadaptação, especialmente quando há baixa escolaridade. São célebres os casos de jogadores de futebol brasileiros que abrem mão de salários sensivelmente mais vantajosos e condições de trabalho muito superiores em nome do “feijão-com-arroz” (que normalmente simboliza os amigos, a família, a língua, os hábitos...). A moradia – no caso daqueles que sofrem com a exploração e os não-documentados, as condições de moradia são extremamente precárias.

<sup>23</sup> *Ibidem*.

<sup>24</sup> Cf. COJOCARU, Lacette Lehnen, *op. cit.*

<sup>25</sup> Cf. ACHOTEGUI, Joseba. “Estrés Límite...”, *op. cit.*



- O medo:

A irregularidade propicia ao sujeito uma espécie de integração perversa a redes “frias” de sociabilidade. Medo pelos perigos físicos relacionados à viagem migratória, coerção das máfias, prostituição, medo de detenção e expulsão e abusos. A irregularidade suprime as garantias sociais e o direito à cidadania.

O estresse crônico dá lugar a uma potencialização do condicionamento do medo, tanto a nível sensorial como contextual, onde o indivíduo acaba respondendo com medo às situações de estresse futuras.<sup>26</sup>

A solidão, o fracasso na obtenção dos próprios objetivos, as experiências de carência extremas e o terror são a base psicológica e psicossocial da Síndrome do imigrante com estresse crônico e múltiplo (Síndrome de Ulisses).

Existem fatores que potencializam o efeito dos estressores, tais como a multiplicidade de estressores, a cronicidade, a intensidade, a ausência de sensação de controle, a ausência de uma rede de apoio.<sup>27</sup>

O quadro se caracteriza quando a pessoa começa a ter uma série de sintomas e as forças de seguir lutando começam a falhar. Os sintomas descritos por Achotegui<sup>28</sup> são: 1) Na área depressiva: Tristeza, choro, culpa (de tipo paranóide) e idéias de morte (apesar de não ser freqüente). 2) Na área da ansiedade: tensão e nervosismo, preocupações excessivas e recorrentes, irritabilidade e insônia. 3) Na área da somatização: cefaléias (ligada ao mecanismo defensivo da negação), fadiga, somatizações do tipo osteomuscular, abdominais e torácicas. 4) Na área confusional: falhas de memória, de atenção, desorientação física e temporal. A confusão pode estar ligada ao fato de ter que se esconder, fazer-se invisíveis, para não serem presos ou deportados. Na situação de migração extrema favorece a confusão a existência de muitas mentiras e fabulações nas relações familiares. Tanto os imigrantes como os familiares evitam explicar os problemas que vão surgindo, potenciando a confusão e a desconfiança.

Em nível de diagnóstico diferencial, a Síndrome do Imigrante com Estresse Crônico e Múltiplo não se caracteriza como um quadro depressivo padrão, pois a tristeza e os choros estão ligados a lutos extremos, mas não na linha da desolação. Além disso, faltam alguns sintomas importantes da depressão, como a apatia e os pensamentos de morte. Achotegui<sup>29</sup>

<sup>26</sup> *Ibidem.*

<sup>27</sup> *Ibidem.*

<sup>28</sup> *Ibidem.*

<sup>29</sup> *Ibidem.*

diferencia esse quadro clínico dos Transtornos Adaptativos, pois o estresse que padecem vai além do adaptativo. Mesmo tendo a presença dos estressores terror e medo, é preciso diferenciar o quadro do Transtorno de Estresse Pós-Traumático, pois no DSM-IV-TR<sup>30</sup> não estão presentes uma série de outros estressores que padecem os imigrantes, e não estão presentes os sintomas de apatia e baixa auto-estima.

A Síndrome do migrante com estresse crônico e múltiplo pertence mais ao campo da saúde mental do que propriamente da psicopatologia.<sup>31</sup> Os imigrantes não sofrem propriamente de uma doença mental, mas sim de uma série de sintomas provocados pelos estressores acima discutidos. Se a situação em relação aos estressores não se resolve, existe o risco que se desenvolva uma doença mental. Delimitar e denominar a Síndrome de Ulisses contribui a evitar que essas pessoas sejam incorretamente diagnosticadas como depressivos ou psicóticos e possam receber um tratamento adequado no âmbito psicossocial.

### Exemplo clínico

Para ilustrar os temas que estamos desenvolvendo nesse trabalho, traremos fragmentos de alguns encontros de um grupo de auto-ajuda com imigrantes brasileiros, realizado na Comunidade Brasileira em Roma: Nossa Senhora Aparecida, uma instituição católica gerenciada pelos missionários scalabrinianos, pertencente à missão latino-americana de Roma.

Como já relatado por Della Pasqua e Vendruscolo,<sup>32</sup> o imigrante que chega à Itália está despreparado e mal informado sobre a realidade do país. A maioria sai do Brasil com poucos recursos econômicos e sem conhecimento sobre as leis italianas em relação à migração. Idealizam o país, crendo que será fácil conseguir trabalho, economizar dinheiro e adaptar-se. Têm a ilusão de não precisarem do aprendizado da língua italiana e pensam que não terão problemas de comunicação. Nesse sentido as redes são fundamentais na preservação e manutenção da subjetividade do imigrante brasileiro e a missão latino-americana de Roma é um importante espaço onde poder trabalhar e desenvolver dispositivos importantes nas tarefas de prevenção e acolhimento do sofrimento psíquico dos imigrantes latino-americanos.

Tendo em vista esse tipo de realidade, estruturou-se um grupo

<sup>30</sup> Cf. AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais.

<sup>31</sup> *Ibidem*.

<sup>32</sup> Cf. DELLA PASQUA, Leonardo; VENDRUSCOLO, José Renato. "Associação Cultural Nossa Senhora Aparecida – Comunità Brasiliana a Roma".

de auto-ajuda com mulheres brasileiras que habitavam e trabalhavam em Roma como empregadas domésticas. A idade das participantes variava entre 40 e 60 anos. O tempo de estadia na Itália variava entre 9 meses a 18 anos. O grupo era aberto, de frequência semanal, com duração de 90 minutos. O número de participantes costumava ser de seis pessoas. Esse grupo durou de julho a dezembro de 2007. A coordenação do grupo ficou sobre a responsabilidade do psicólogo, que funcionou como continente das experiências relatadas, facilitando a comunicação e o compartilhamento das experiências migratórias. O grupo possibilitou a leitura dos movimentos grupais relacionados ao fator migratório e as dificuldades de adaptação dos indivíduos com a nova cultura. Essas dificuldades eram relatadas em maior ou menor grau por todos os membros do grupo.

As sessões do grupo eram transcritas e analisadas somente pelo psicólogo, preservando a privacidade dos membros do grupo. O referencial teórico-técnico utilizado foi a psicologia de grupos, em especial os grupos operativos de referencial psicanalítico.

Eis alguns exemplos no grupo dos temas desenvolvidos nesse artigo:

São 9 meses que estou aqui e não vejo a hora de voltar para o Brasil. Não consigo entender porque esse povo é tão mal-educado, reclamam de tudo, não suportam isso. Tratam mal as pessoas, são mal-humorados. Não consigo entender essas coisas. Não vejo a hora de terminar o que vim fazer aqui e voltar pra casa. Está tudo ruim aqui, as pessoas são preconceituosas, a comida é horrível, essa cidade é suja e feia, um horror.

É evidente, na análise do depoimento acima que essa pessoa está sofrendo em razão das suas dificuldades de adaptação. No grupo ela valorizava apenas os aspectos da cultura brasileira, negando a inserção no país de recepção, desvalorizando as relações com os italianos. Esse fato ficou claro desde o primeiro encontro quando se apresentou ao grupo com um lenço com a bandeira do Brasil na cabeça, assumindo uma posição de protesto contra a cultura italiana.

Apresentava um quadro de forte tristeza, caracterizada por choros frequentes e intensos, acompanhados de elevada ansiedade, preocupações excessivas e recorrentes, irritabilidade e insônia.

Não tenho espaço pra mim. Esses dias eu tava escutando música no meu quarto e veio o meu patrão e pediu para desligar o som porque incomodava ele. Aí depois comecei a chorar. Nunca chorei tanto como choro aqui. Odeio esse país. Já cheguei aqui e chorei. Choro muito por essas coisas. Dá muita raiva. É muita humilhação o que fazem com a gente. No Brasil eu era pedagoga, tinha a minha casa, aqui não tenho o meu espaço, não estou acostumada com isso.

As duas culturas foram dissociadas. Não há espaço para a integração. As dificuldades enfrentadas no Brasil, que impulsionaram a emigração, foram esquecidas. O Brasil passa a ser idealizado como país maravilhoso e todas as dificuldades são atribuídas à Itália. Os lutos em relação à família e rede-social, a cultura e a perda do status social são tão intensos que impossibilitam um processo de integração entre as duas realidades.

A situação é mais complicada para outros membros do grupo:

Eu moro aqui há muitos anos e não suporto mais. Daqui há alguns meses vou embora para o Brasil. Tive depressão pós-parto, me sinto muito sozinha aqui, não posso confiar em ninguém. Se não fosse pela minha amiga não saberia o que fazer. É muito difícil encontrar pessoas que eu possa confiar. É tão diferente do Brasil. Eu vou embora daqui e meu marido nem sabe disso ainda.

O conflito em relação ao casamento com uma pessoa italiana é sentido de maneira mais intensa pela ausência de uma rede de apoio adequada. As inúmeras dificuldades de adaptação foram aumentadas pela dificuldade de elaborar lutos em relação à família e ao pertencimento social. Outro membro do grupo segue a mesma linha de experiência emocional.

Eu também não agüento mais viver aqui. Vou embora depois de muitos anos de Itália. Tomo remédio para depressão e se fico sem tomar o remédio, choro sem parar. Desde a morte da minha mãe que não estou bem. Não aceitei até hoje e vivo mal por causa disso. Culpo-me por não ter estado perto dela. Minha mãe era muito importante pra mim. Até hoje não durmo direito, no Brasil não era assim, fiquei desse jeito aqui.

Vemos um quadro semelhante a um luto patológico, intensificado pelos estressores do processo migratório. É evidente uma sintomatologia depressiva, como o sentimento de culpa, a tristeza, os choros, a insônia e a sensação de fadiga acompanhada por uma forte angústia grupal depressiva. Parece ser consensual ao grupo uma relação entre o aparecimento dos sintomas e o fator migratório. É comum observar a ligação que muitos brasileiros fazem entre sofrimentos (seja em forma de sintomas ou não) e o fato deles terem imigrado.

Alguns participantes do grupo verbalizam dificuldades a nível social:

Eles têm preconceito com a cor da nossa pele e me tratam mal só porque sou negra. São preconceituosos sim, até porque você é brasileiro, estrangeiro e te tratam mal. A minha patroa me trata mal por causa disso. Ela sabe que eu tenho medo de perder o trabalho e me maltrata, me explora, não tenho tempo pra mim.

Podemos observar que o preconceito em relação à etnia e ao fato de ser estrangeiro “não documentado” é um disparador de exploração e ameaça por parte dos autóctones. A Itália é um país multicultural,

com aceitação da diversidade, mas apresenta níveis significativos de preconceitos, de racismo, etnocentrismo e discriminação.

No grupo também aparece a importância da micro-comunidade (nesse aspecto a igreja é fundamental e muito eficaz) como elemento identitário do sujeito inserido numa cultura diferente da sua.

Você tem a sensação de se sentir presa aqui, de não poder fazer nada, de se sentir humilhada. Menos mal que tem a comunidade, senão eu não saberia o que fazer. Eu gosto de dançar, mas moro longe pra caramba, não vou dançar nunca, não faço nada, é só trabalho e trabalho. Às vezes a saudade bate forte mesmo. Dá vontade de largar tudo e ir embora.

A perda da vida social e do *status* é, na perspectiva dos sujeitos, muito difícil de elaborar. Nesse exemplo vemos como a igreja também serve como facilitadora do processo de adaptação e segurança identitária, e não os deixa jogados frente a um ambiente totalmente desconhecido e ajuda o imigrante brasileiro a integrar aspectos da cultura italiana em sua subjetividade, mantendo elementos de sua cultura brasileira e incorporando aspectos da cultura local. A vontade de “largar tudo e ir embora” indica o temor de falência do projeto migratório, atrelada à complicada elaboração dos lutos em relação ao Brasil.

No grupo, o conceito de identidade era sentido ameaçado pelo novo país, mostrando uma dificuldade de integração dos objetos internos, dos dois países. O trabalho de grupo objetivava a facilitação da integração das duas realidades culturais, visando auxiliar na reorganização e consolidação da identidade de cada membro.

### **Conclusão**

Nesse trabalho escolhemos fragmentos de uma experiência com imigrantes brasileiros para analisarmos as consequências sociais e psicológicas do fenômeno migratório. A apresentação de tal experiência nos levou a identificar algumas características dessas consequências, em função da reação à imigração pelos membros do grupo.

O trabalho na Comunidade Nossa Senhora Aparecida de Roma nos proporcionou a experiência de observar outros tipos de êxito do processo migratório. Berry define a integração como uma estratégia positiva de aculturação. Um exemplo frequente de cidadão brasileiro bem integrado no país era o bom nível educacional, documentos italianos e situação sócio-econômica adequada. Assim como eram exemplo de brasileiros marginalizados aqueles que estavam presos, ou estavam vivendo na rua, sem teto, em muitas situações de precariedade social e psíquica, com situações psicóticas. Essa era a realidade que “transitava” pela comunidade.

Na situação analisada, os membros do grupo separam as realidades dos dois países. Apresentam dificuldades em ver semelhanças nas duas situações, dissociando os dois países e junto com eles, alguns aspectos do próprio *self* grupal. Apresentam alguns sintomas da Síndrome do imigrante com estresse crônico e múltiplo/Síndrome de Ulisses, principalmente na área depressiva e da ansiedade, sem a presença de sintomas relevantes nas áreas confusional e psicossomática.

Verificamos diretamente a relação entre as dificuldades psíquicas e sociais dos participantes do grupo e o fenômeno migratório. Nem poderia ser diferente. É preciso desaprender algumas coisas e re-aprender outras. O código linguístico e social é diferente e o processo de integração desses aspectos é complexo. Alguns indivíduos realmente ficam doentes psiquicamente pelo nível de estresse que tem que enfrentar no processo migratório.

Nesse sentido as redes migratórias são importantíssimas na prevenção e acolhimento do sofrimento psíquico dos imigrantes. Projetos que visem a construção de dispositivos próprios da saúde mental, seja a nível grupal ou individual, são de fundamental importância para auxiliar a elaboração dos aspectos psicológicos que envolvem o processo migratório. As redes migratórias, por serem espaços de agregação de migrantes, onde os mesmos podem sentir-se acolhidos e identificados com os membros que frequentam tal grupo, tem um importante papel na construção e no desenvolvimento de tais dispositivos, que podem ajudar o imigrante no difícil processo de adaptação à nova cultura.

A nosso ver, é responsabilidade das nações que produzem e recebem imigrantes pensar em mecanismos sociais que possam auxiliar as redes no processo de migração, pois o migrante é membro participativo nas duas realidades. Esse trabalho compartilha dos princípios do Documento de Bruxelas, realizado em 2007 pela Rede de Brasileiros e Brasileiras no Exterior sobre a constituição de políticas públicas em defesa dos cidadãos brasileiros no exterior, que devem ser tratados como seres humanos portadores de todos os direitos sociais.

A política européia de fechamento ao acesso a modos regulares de imigração favorece e incrementa a imigração clandestina, alimentando a criminalidade e transformando o processo migratório numa verdadeira odisséia, como aquela de Ulisses, com a diferença que os migrantes não são heróis ou semideuses como o Rei de Ítaca. Ressaltamos, finalmente, que os processos migratórios, cada vez mais comuns no mundo globalizado, apresentam não só demandas diplomáticas, políticas e econômicas, sendo também possíveis desencadeadores de problemas de saúde mental e objeto urgente da clínica psicológica.

## Bibliografia

- ACHOTEGUI, Joseba. "Los duelos de la migración: una perspectiva psicopatológica y psicosocial" in PERDIGUERO, Enrique; COMELLES, Joseph M. (org.). *Medicina e Cultura*. Barcelona: Editorial Bellaterra, 2000, p. 88-100.
- \_\_\_\_\_. *La depresión en los inmigrantes. Una perspectiva transcultural*. Barcelona: Editorial Mayo, 2002.
- \_\_\_\_\_. "Estrés Límite y Salud Mental: El Síndrome del Inmigrante con Estrés Crónico y Múltiple (Síndrome de Ulises)", in *Revista "Norte" de salud mental de la Sociedad Española de Neuropsiquiatría*, V, 21, 2004, p. 39-53.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*. 4. ed. Texto Revisado - DSM- IV-TR. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- BERRY, John; POORTINGA, Ype. *Cultural Psychology: Research and Applications*. Cambridge: University Press, 2002.
- BÓGUS, Lucia Maria Machado; BASSANEZI, Maria Silvia. "Do Brasil para a Europa - Imigrantes brasileiros na península itálica neste final de século", in SPM (Org.). *O fenômeno migratório no limiar do 3º milênio - desafios pastorais*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 68-92 (documento obtido pela internet escaneado e sem numeração de páginas) endereço: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/1996/T96V2A12.pdf>
- COJOCARU, Lacette Lehnen. "Migrações forçadas: o exílio político no Brasil" in JACQUES, Wilson Cleber Antunes et al. *Histórias e memórias de psicologia: trabalhos premiados no concurso comemorativo dos 40 anos de regulamentação da profissão de psicólogo no Brasil*. Porto Alegre: CRP – 7ª Região, 2003, p. 13-23.
- DELLA PASQUA, Leonardo; VENDRUSCOLO, José Renato. "Associação Cultural Nossa Senhora Aparecida – Comunità Brasiliana a Roma" in *Brasileiros no Mundo – I Conferência sobre as Comunidades Brasileiras no Exterior: Textos de Apoio*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão/ Ministério das Relações exteriores, 2008, p. 183-196.
- GRIMBERG, León. & GRIMBERG, Rebeca. *Psicoanálisis de la migración y del exilio*. Madrid: Alianza Editorial, 1984.
- HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- KOZAKAI, Toshiaki; WOLTER, Rafael Peclý. "Armadilhas do multiculturalismo: análise psicossocial da integração à francesa dos estrangeiros" in *Alethéia – Revista de Psicologia*, Canoas (ULBRA), n. 26, 2007, p. 11-26.
- MARCÍLIO, Maria Luiza. *História da escola em São Paulo e no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2005.
- REDE DE BRASILEIROS E BRASILEIRAS NO EXTERIOR. *Relatório Final do II Encontro de Brasileiras e Brasileiros no Exterior*. Instituto Universitas/Funag – Fundação Alexandre de Gusmão, 2008.

- SPARREBERGER, Felipe; SANTOS, Iná dos; LIMA, Rosângela da Costa. "Epidemiologia do distress psicológico: estudo transversal de base populacional", in *Rev. Saúde Pública* [online], v. 37, n. 4, 2003, p. 434-439.
- TODA, Cristina Helena. "A impertinência: uma experiência de descendentes de imigrantes japoneses no Brasil e a possibilidade de constituição de um território de existência por meio da criação artística" in *Cadernos de Subjetividade*, v.3, n.2, 1995, p. 365-375.
- ZAIA, Márcia Cristina. "Migrantes muçulmanas em São Paulo: um estudo a partir da Psicologia Intercultural" in *REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*. Brasília, ano XV, n. 28, 2007, p. 41-71.